

- [Eventos](#)
- [Exposições](#)
- [Festival](#)
- [Interior](#)
- [Livros](#)
- [Música](#)
- [Notas](#)
- [Programa-se](#)
- [Rádio](#)
- [Revistas](#)
- [Teatro](#)
- [Viagens](#)



[Home](#) » [1006 \(05 a 11.08.2013\)](#), [Artigo](#), [Opinião](#)

Para estar à altura do presente

Publicado por [admin](#) - Wednesday, 7 August 2013



LÚCIA MACIEL BARBOSA DE OLIVEIRA

Vivemos momentos de inquietação, desconcerto. Com que óculos enxergar a complexidade do momento em que vivemos? Como reconhecer os signos ali, onde os referenciais não fazem mais sentido? É preciso estar à altura do presente, como alertou o filósofo Gilles Deleuze, configurando e tentando decifrar uma paisagem desconhecida, apesar de sua indeterminação, o que exige empenho e risco, a disposição para o incerto.

Creio que o que vivemos hoje no Brasil e em outros lugares mundo afora, apesar das suas especificidades, teve sua gênese nos Dias de Ação Global, que surgiram no final dos anos 1990, configurando em Seattle, em 1999, uma ação emblemática. Seattle sediava a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), intitulada Rodada do Milênio, interrompida pelas manifestações que tomaram a cidade por três dias, simultaneamente a dezenas de outras cidades mundo afora. A experiência das intervenções contra a globalização neoliberal foi esquecida (em contrapartida, o Maio francês é lembrado com recorrência) justo quando podem nos dar chaves essenciais para compreender o que hoje nos fustiga a mente.

Tais intervenções inauguraram novas formas de fazer política, criando outras condições de possibilidades: a ação mobilizada na internet congregou sujeitos e grupos diversos de maneira simultânea em várias partes do mundo; a ideia de que vontades individuais compõem uma vontade coletiva, o que Antonio Negri e Michael Hardt conceituaram como a multidão de singularidades, indefinida, incomensurável, não totalizável; o lema zapatista de construção de um mundo em que caibam vários mundos, oposto à ideia de identidades nacionais, Povo-uno, bandeiras e afins; a ação direta, a descrença na democracia representativa e nas instituições políticas tradicionais, como partidos políticos e sindicatos; o poder não mais como fim, o que está relacionado tanto a uma compreensão de que na atual configuração do mundo o poder do capitalismo transnacional é onipresente quanto à ideia de que precisamos criar relações sociais que não sejam relações de poder sobre os sujeitos; a crença na própria ação como processo transformador, gerando outras agregações, novas interações conectivas; o trabalho em rede, como nova forma de coabitação, descentralizada, plural e momentânea; a busca por relações horizontais, não hierárquicas, sem lideranças, colaborativas; o clima performático, festivo, afetivo; a reocupação do espaço público como espaço de encontros, como obra de criação e participação coletiva.

 **As recentes manifestações inauguraram novas formas de fazer política, criando outras possibilidades: a ação mobilizada na internet congregou grupos diversos****

Como sublinhou o cientista político John Holloway, a promessa de um final feliz não é um imperativo para justificar a rejeição a um mundo que sentimos estar equivocado e que é estopim para diferentes intervenções que pipocaram pelo globo desde então, mesmo com a pulverização das motivações e a impossibilidade de pautas unificáveis.

A partir daí evidenciou-se de maneira clara a descrença na democracia representativa, em suas instituições, consolidando a ideia de autorrepresentação; o papel fundamental das novas tecnologias de informação e comunicação no estabelecimento de novas práticas sociais, embora enfatizando a ideia de que a política se dá nas ruas; outro posicionamento da sociedade civil em relação ao Estado, exigindo uma participação cada vez mais ativa na arena pública; o desejo de retomada do espaço público como local de encontro, testemunhando novas exigências coletivas e uma nova sensibilidade social a essas exigências; o poder não mais como fim, o que reitera a impossibilidade de mudança apenas na esfera do Estado e de suas instituições.

Talvez a dificuldade em compreender as manifestações que tomam as ruas de várias cidades brasileiras nos últimos dias é que, apesar de terem surgido a partir de uma pauta clara contra o aumento das tarifas de transporte público de baixa qualidade – o que pode ser entendido de maneira mais ampla como a ausência de uma política pública transparente e eficiente para o transporte –, foi crescendo exponencialmente, sobretudo depois da ação violenta da polícia, trazendo para as ruas uma multiplicidade de sujeitos dispostos a manifestar sua insatisfação, vontades, opiniões e posicionamentos por meio de diferentes graus de ação. A ausência de força organizativa em torno de eixos mais claros, a não ser um descontentamento generalizado, parece ter transformado as manifestações em um campo minado, em que as divergências começam a aparecer e o confronto entre os diferentes sujeitos e grupos da sociedade tem surgido de maneira cada vez mais enfática, muitas vezes violenta. A força de mobilização proporcionada pelas redes sociais, o monitoramento e a divulgação das ações em tempo real que desestabilizaram a cobertura da imprensa (que mudou de posição de maneira inevitável e descarada de um dia para o outro), a potencialidade da ocupação das ruas para a proposição de novas formas políticas parecem ter chegado a um momento crítico com a radicalização de grupos conservadores (responsável por cenas de violência contra pessoas identificadas com partidos políticos ou movimentos sociais históricos) e/ou patriotas, que, enrolados na bandeira nacional, entoam o hino brasileiro ou, mais insólito ainda, um hino criado para comemorações de jogos de futebol (“Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor...”).

A dificuldade das democracias atuais em lidar com os conflitos evidencia a desproporção entre as demandas da sociedade e a capacidade de resposta do sistema político**

A dificuldade das democracias atuais em lidarem com os conflitos de sociedades complexas evidencia a desproporção entre as demandas advindas da sociedade civil e a capacidade de resposta do sistema político. Evidencia, da mesma forma, o desejo de viver sem mediações – de lideranças, instituições, autoridades – e sem a instrumentalização do desassossego, das insatisfações, o que determina a ampliação dos espaços de comunicação e participação, estabelecendo uma outra relação entre o Estado e a sociedade civil.

Creio ser o momento de nos lançarmos a um exercício de reinvenção política para a construção de uma sociedade mais democrática, menos desigual e mais diversa, pautada pela participação mais ampla da sociedade civil.

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira é professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP

Capa desta edição



[Edições anteriores](#)

Editorias

- [Ciência](#)
- [Comunidade](#)
 - [Notas](#)
- [Cultura](#)
- [Edição](#)
 - [1000 \(03 a 09.06.2013\)](#)
 - [1001 \(10 a 16.06.2013\)](#)